

TRAJETÓRIA DE UM FOLHETINISTA: CARNEIRO VILELLA, IMPRENSA E LITERATURA

Mirella IZÍDIO
Universidade Federal de Pernambuco
mirellaizidio@hotmail.com

Resumo: Este trabalho possui como principal objetivo traçar uma breve trajetória do pernambucano Joaquim Maria Carneiro Vilella (1846-1913) e sua caminhada no campo da literatura. Jornalista, sua atividade foi intensa na imprensa de meados século XIX e início do século XX, sobretudo em Recife, escreveu para muitos periódicos da época – ora fundando novas, pequenas e passageiras folhas, ora convidado pelos grandes jornais como o tradicional e influente *Diário de Pernambuco*. Carneiro Vilella produzia crônicas, caricaturas, agitava polêmicas. Em meio a tantas habilidades, é como folhetinista que seu nome possui o maior relevo: único escritor de folhetins no Brasil que poderia ser comparado aos *criadores* do gênero – os grandes modelos franceses –, nomes como Alexandre Dumas, Ponson du Terrail e Xavier de Montépin, segundo a pesquisadora da temática, Marlyse Meyer. Com mais de treze obras publicadas em folhetim, o destaque é *A Emparedada da Rua Nova*, trabalho mais conhecido do autor e que possui ligações com o imaginário recifense em um enredo que se envolve com narrativas lendárias da cidade. Para efeitos metodológicos, acata-se a percepção de Marlyse Meyer ao tratar o folhetim como gênero que não está *necessariamente* preso à maneira pela qual é divulgado. Nem por causa disso desprezam-se os meios empregados para tanto, ao contrário, são entendidos como aspectos fundamentais à compreensão das nuances da obra. Aqui é proposta uma análise do contexto de produção de Carneiro Vilella, desde sua formação acadêmica na Faculdade de Direito do Recife, o envolvimento com questões políticas, sociais e culturais de seu tempo, como a Escola do Recife, e suas expressões na imprensa da época. Realiza-se ainda uma ligeira análise de pontos do romance-folhetim *A Emparedada da Rua Nova*.

Palavras-chave: Folhetim; Carneiro Vilella; Imprensa; Escola do Recife; *A Emparedada da Rua Nova*.

À guisa de introdução

Não se trata de um esforço biográfico, ao menos não no sentido mais lembrado do termo – *descrição de vida*; aqui a trajetória do folhetinista serve para sugerir reflexões sobre os entrelaçamentos na vivência de duas esferas: literatura e imprensa. Ao seguirmos o encaixe de Joaquim Maria Carneiro Vilella, procuramos descortinar os movimentos e as sociabilidades – quase – necessárias à formação de homens de letras no século XIX, a importância dos periódicos na difusão literária, os folhetins e as querelas sociais, culturais e políticas. O ponto de referência é Recife, cidade onde o artista retratado nasceu, passou grande parte da vida e faleceu.

Em um segundo momento deste trabalho, é apresentado seu romance mais conhecido, *A Emparedada da Rua Nova*, e realizada uma breve análise de alguns pontos do livro que dão o tom de seus escritos: o anticlericalismo, a crítica aos governantes e ao poder de maneira geral, o questionamento do tratamento feminino na sociedade, a língua ferina. No centenário de sua morte, muitas dessas inquietações perduram em nossa sociedade.

1. O Recife e sua Escola – A Escola do Recife

A chamada Escola do Recife é um termo de definição árdua, trabalhosa. A sua complexidade, suas incoerências internas e seu difuso englobamento temporal podem dificultar uma tentativa de análise simplificada. Ao contrário do que se pode associar ao vocábulo “escola”, aqui não existe uma delimitação. Clóvis Bevilacqua explica:

A Escola do Recife não era um rígido conjunto de princípios, uma sistematização definitiva de ideias, mas sim uma orientação filosófica progressiva, que não impedia a cada um investigar por sua conta e ter ideias próprias, contanto que norteadas cientificamente”.¹

No campo político, os integrantes se aproximam na defesa do estado laico, do fim da monarquia e da reforma eleitoral. No campo das artes, acreditam que o modelo romântico europeizado estaria esgotado:

Dentre os temas mais trabalhados pelos seus principais integrantes, observamos: ataques aos grupos católicos e à religião; proposta de ampliação dos direitos políticos e civis às mulheres e aos não católicos; liberdade religiosa; extinção do Poder Moderador; fim do Senado vitalício; defesa da descentralização do poder administrativo; e a proposta de superação do movimento literário romântico.²

Antônio Paim explica que a Escola teve diversas dimensões e abrangeu a crítica literária, o direito e a política, lançou as bases da sociologia brasileira, da história da literatura do Brasil e o estudo do folclore, “para mencionar o essencial”³. Admite-se que a *Escola* teria como ponto de referência a década de 1870 marcando seu surgimento e ascensão. Didaticamente, pode-se conceber a divisão em três gerações: a de Tobias Barreto, que publicou seus trabalhos até os fins dos anos 1860; a de Sílvio Romero, intelectual com relações próximas a Tobias e que deu extensão dos seus pensamentos em anos seguintes; e a geração atuante após 1890 e que chegou até as primeiras décadas do século XX⁴.

Como o nome bem sugere, a *Escola do Recife* aflorou na capital pernambucana, sobretudo irradiada da Faculdade de Direito do Recife (FDR), instituição que concentrava o berço de figuras políticas, artísticas e intelectuais brasileiras. No entanto, a discussão das temáticas pelas vozes de seus membros não ficou apenas na província, sendo divulgadas em romances, tratados, poesias e discursos, além do trânsito constante de alunos pelas regiões do país:

A Faculdade de Direito da capital pernambucana, por ser à época o único estabelecimento de ensino superior no Nordeste, recebia alunos das diversas

¹ BEVILAQUA, C. **História da Faculdade de Direito do Recife**. 2. ed. Brasília: INL, 1977, p. 375.

² NASCIMENTO, Márcio Luiz do. **Primeira Geração Romântica versus Escola do Recife: trajetórias de intelectuais da Corte e dos intelectuais periféricos da Escola do Recife**. São Paulo: USP, 2010. 256 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Departamento de Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010, p. 175.

³ PAIM, Antônio. **A Escola do Recife**: Estudos Complementares à História das Idéias Filosóficas no Brasil. Vol. V. 3. ed. Londrina: Editora UEL, 1997.

⁴ LIMA, Fátima Batista Maria de. **Um olhar sobre a cidade n’A Emparedada da Rua Nova de Carneiro Vilella**. Recife: UFPE, 2005. 122 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

províncias daquela região. Essa circunstância permitiu a irradiação das ideias da Escola do Recife [...].⁵

A influência das ideias não se prendeu ao campo jurídico e criou vertentes nas letras, na filosofia, nas ciências sociais. Paim ainda aponta uma relação da *Escola do Recife* na influência do projeto cultural modernista, que tem como ponto de referência histórico a Semana de Arte Moderna de São Paulo, em 1922⁶.

Natural – diante da difusão temporal - também é a dificuldade de reconhecimento dos membros da *Escola*. Os nomes mais lembrados são indubitavelmente Tobias Barreto e Sílvio Romero. Daí seguem outras figuras como Franklin Távora, Clóvis Bevilacqua, Araripe Júnior, José Higino, Plínio de Lima, Aníbal Falcão, Artur Orlando, Inglês de Souza, Martins Júnior, Graça Aranha e Carneiro Vilella.

Pode-se afirmar que a *Escola do Recife* sugere uma identidade às obras e autores diferindo do modelo cortesão e retratando outras realidades do Brasil. O trabalho de Carneiro Vilella, portanto, ajusta-se a essa visão diferenciada para os padrões tradicionalmente produzidos da época. É um deslocamento de eixo geográfico, cultural, social e político⁷.

2. Um emparedado das artes – Joaquim Maria Carneiro Vilella

Jornalista, romancista, cronista, folhetinista, cenógrafo, caricaturista, pintor, poeta. Carneiro Vilella era um homem com muitas habilidades e utilizava-as, todas, para provocar, agitar a sociedade de seu tempo. E mais, se perpetuar e continuar agitando tempos vindouros. Aliás, assim é que Luiz Delgado se refere ao escritor: “Era um poderoso agitador de ideias”⁸.

Joaquim Maria Carneiro Vilella nasceu no bairro de São José, no centro da cidade do Recife, no dia 09 de abril de 1846, filho de Maria Magdalena Carneiro Rios e de Joaquim Vilella de Castro Tavares. Seu pai foi lente da Faculdade de Direito do Recife, exerceu cargos políticos de destaque como a presidência da província do Ceará, foi deputado geral e provincial, nomeado pelo Imperador D. Pedro II com a mais alta condecoração do Império – oficial da Ordem da Rosa. Aliás, a família do escritor já tinha uma história de destaque no cenário pernambucano e até mesmo nacional. Jeronymo Vilella de Castro Tavares, irmão de seu pai, foi signatário da Revolução Praieira e deputado pela Assembleia Geral Legislativa por quatro mandatos.⁹

Aos 12 anos, Carneiro Vilella perdeu o seu pai. A partir de então, o menino passou a viver com a mãe na casa de seus avós paternos, nos solar do sítio Piranga, freguesia de Afogados. A morada – onde residiu em seus primeiros anos e onde viria a falecer – imprimiu fortes impressões no escritor que mais tarde registraria em suas obras a memória que lhe foi marcada:

⁵ PAIM, Antônio. **A Escola do Recife**: Estudos Complementares à História das Idéias Filosóficas no Brasil. Vol. V. 3. ed. Londrina: Editora UEL, 1997, p. 47.

⁶ PAIM, op. cit., p. 94.

⁷ Ver NASCIMENTO, Márcio Luiz do. **Primeira Geração Romântica versus Escola do Recife: trajetórias de intelectuais da Corte e dos intelectuais periféricos da Escola do Recife**. São Paulo: USP, 2010. 256 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Departamento de Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

⁸ Discurso de Luiz Delgado na ocasião da posse do escritor Aderbal Jurema na Academia Pernambucana de Letras (APL). Revista da APL, n. 17 – 1º semestre de 1967 apud VAREJÃO FILHO, Lucilo. Breve Notícia. In: VILELLA, Carneiro. **A Emparedada da Rua Nova**. 3. ed. Recife: Coleção Recife, 1984. Prefácio de Lucilo Varejão Filho.

⁹ VILELLA, Carmélio dos Santos. **Carneiro Vilella**: nascimento, vida e morte. Recife: Ed. Do Autor, 2005, p. 117.

[...] Não: não sou misantropo nem excêntrico, mas aquela casa foi de meus avós; ali residiram meus pais e outros parentes, cuja memória, ou cuja existência me são caras; ali, sobre aquela grama verde e macia refocilei quando criança, e naquele terreiro, então areiado (sic) e cercado de jardins, muitas vezes montado num cavalo de flecha, enfeitado de fitas, corri cavalhadas e tirei argolinhas que ia oferecer, todo ancho, às minhas tias [...] [...] e de todas essas alegrias da infância, de todas essa (sic) existência de outrora parece ainda que me falam aqueles velhos coqueiros nos seus murmúrios suaves, recordam-me aqueles velhos arvoredos nas suas sombras opacas, aquelas cacimbas na profundez das suas águas escuras, de uma das quais eu fugia porque morava nela um lobisomem.¹⁰

Aos 15 anos de idade, seu avô o internou no Colégio Bemfica com intenção de preparar o rapaz para o curso de Direito. No colégio, Carneiro Vilella dividia o quarto com o jovem acólito Antônio Maria Gonçalves de Oliveira que viria a se tornar Dom Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira, o Dom Vital¹¹. Os dois estariam envolvidos em posições antagônicas na chamada Questão Religiosa¹². No ano de 1861 começa a frequentar a Faculdade de Direito do Recife e aos 19 anos, ainda estudante, casa-se com a italiana naturalizada brasileira Margarida Iria Bruno – então com 14 anos de idade. A cerimônia foi realizada no Sítio Piranga. O casal teve seis filhos.¹³

A esta época o romancista começa a colocar no papel seu caráter artístico: compõe um livro de poesias dedicado a sua mulher intitulado *Margaridas*. Os poemas foram publicados em 1875. Este mesmo ano marca o ingresso do escritor na imprensa, ainda na faculdade, na revista *Ilustração Acadêmica*.

Ao receber o grau de bacharel em Direito, aos 20 anos em 1866, mudou-se para o Rio Grande do Norte para ocupar o cargo de Juiz Municipal. Em 1869 volta ao Recife e também se insere na cena teatral da época, colaborando agora com jornais de grande porte na província como o *Diario de Pernambuco*.

Em 1871 fundou com José Caetano da Silva a *América Illustrada*, jornal caricatural. Aí, neste periódico foi divulgado seu primeiro folhetim intitulado *Noivados originais*. Depois desse vieram outros romances também publicados em folhetim: *O Amor*, *A mulher de gelo*, *Innah*, *O Esqueleto* e *A menina de luto*. Na *América Illustrada* os romances de Carneiro Vilella não eram veiculados com a sua assinatura, sendo apenas identificados para o público quase vinte anos depois n'*A Província*. A *América Illustrada* ainda foi o meio de divulgação de suas ilustrações e até mesmo de seu pioneirismo nas histórias em quadrinhos pernambucanas.

¹⁰ VILELLA, Carneiro. *Cartas sem arte*. *Diario de Pernambuco*, Recife, 22 jul. 1888 apud LIMA, Fátima Batista Maria de. **Um olhar sobre a cidade n'A Emparedada da Rua Nova de Carneiro Vilella**. Recife: UFPE, 2005. 122 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005, p. 60-61.

¹¹ VILELLA, Carmélio dos Santos. **Carneiro Vilella: nascimento, vida e morte**. Recife: Ed. Do Autor, 2005, p. 117.

¹² O acontecimento consistiu num acirramento de ânimos entre a Igreja Católica e o Império Brasileiro. O papa Pio IX proibiu a ligação entre membros da Igreja com a maçonaria, mas Pedro II ignorou a bula fazendo com que ela não tivesse validade no Brasil, devido ao sistema de padroado – no qual as ordens papais só valeriam com o consentimento do imperador. No entanto, o bispo D. Macedo, de Belém, e D. Vital, de Recife e Olinda, determinaram a expulsão de maçons das irmandades. O imperador, por sua vez, ordenou a prisão dos dois bispos. O episódio é elencado pela historiografia brasileira como um dos fatores que contribuiu para a decadência do império no Brasil. Ver ALVES, Antônio. **História: O Mundo – Idade Contemporânea / O Brasil: República até hoje**. Recife: Liber, 1982.

¹³ VILELLA, Carmélio dos Santos, op. cit., 2005.

Em junho de 1875 fundou o primeiro vespertino do Recife, o *Jornal da Tarde* em parceria com Silva Braga. O periódico durou pouco mais de oito meses deixando inconcluso o seu folhetim *Mistérios do Recife* juntamente com a interrupção do famoso *Rocamboles*.¹⁴

Ao se envolver com a querela da Questão Religiosa, Carneiro Vilella ganhou destaque pela sua crítica feroz. Pernambuco e Pará foram os estados que abrigaram as reações mais severas das duas partes – bispos e maçons. Os membros da maçonaria do Pará, portanto, convidaram Carneiro Vilella em 1876 para uma visita ao estado sendo recebido com júbilo ali:

Por cartas particulares, vindas hoje do norte, sabe-se que chegou ao dia 17 ao Pará, o nosso comprovinciano, o Sr. Dr. Carneiro Vilella. Algumas comissões de diversas lojas maçônicas fretaram um rebocador e o foram receber a bordo, desembarcando no meio de uma multidão, que o recebia de braços abertos e com verdadeiro entusiasmo.¹⁵

A notícia é do jornal *A Província* de 28 de junho daquele ano. Além da recepção calorosa, conta-nos que as lojas maçônicas e o teatro estavam embandeirados, à noite houve iluminação e espetáculo da peça *Maçons e Jesuítas* – de autoria do próprio Carneiro Vilella – “sendo o seu autor chamado ao palco por muitas vezes e, freneticamente, aplaudido” e que no final do último ato o pernambucano recebeu “dezoito buquês, com ricas fitas bordadas a ouro e uma caneta e pena de ouro” além de outros presentes e preparação para um baile em sua oferta.¹⁶ As homenagens mostram a proporção atingida pela repercussão do episódio da Questão Religiosa. Ainda no Pará, tornou-se redator do *Diário do Gram Pará*, publicou o seu romance *Innah* e exerceu cargo de chefia de seção da Secretaria do Governo do Estado.

Em 1879 mudou-se para a Corte. No Rio de Janeiro exerceu o cargo de juiz substituto por pouco tempo e, então, passou a tentar viver da arte que fazia com seus quadros a óleo. A empreitada foi fracassada e Carneiro Vilella volta definitivamente para o Recife em 1886. Em terras pernambucanas retoma a sua frequente atuação nos periódicos da província, contribuindo em muitos jornais e revistas – desde os mais tradicionais aos novos e pequenos.

O romancista tem sua trajetória marcada também pela participação em diversos movimentos, grêmios e sociedades. No dia 26 de janeiro de 1901 fundou, juntamente com Artur Orlando, Carlos Porto Carreiro, Alfredo de Carvalho e mais alguns nomes, a Academia Pernambucana de Letras, sendo a terceira academia do gênero criada no país – depois apenas da Academia Cearense de Letras (1894) e da própria Academia Brasileira de Letras (1897). Lucilo Varejão Filho lembra Luiz Delgado quando este mostra que Carneiro Vilella “fundou a nossa Academia que é pública e inocente, mas fundou também sociedades que deviam ser secretas e temíveis”¹⁷.

Delgado talvez se referia à *Tugendbund*, criada com os companheiros José Higinio, Domingos Pinto, Gonçalves Ferreira e Feliciano Pontual ainda nos bancos da Faculdade de Direito. Sociedade secreta “de ritos cabalísticos e fins patrióticos”, é assim descrita¹⁸. Luiz Delgado ainda pode ter se referido ao seu reconhecimento na maçonaria não só em Pernambuco, como já foi exposto, mas o seu prestígio adquirido em outras localidades do país

¹⁴ NASCIMENTO, Luiz do. **História da Imprensa de Pernambuco (1821-1954)**: Diários do Recife – 1829/1900. Vol. II. Recife: Imprensa Universitária da Universidade Federal de Pernambuco, 1966.

¹⁵ VILELLA, Carmélio dos Santos. **Carneiro Vilella**: nascimento, vida e morte. Recife: Ed. Do Autor, 2005, p. 63.

¹⁶ VILELLA, Carmélio dos Santos, op. cit., p. 64.

¹⁷ VAREJÃO FILHO, Lucilo. Breve Notícia. In: VILELLA, Carneiro. **A Emparedada da Rua Nova**. 3. ed. Recife: Coleção Recife, 1984. Prefácio de Lucilo Varejão Filho, p. 11.

¹⁸ VILELLA, Carmélio dos Santos. **Carneiro Vilella**: nascimento, vida e morte. Recife: Ed. Do Autor, 2005, p. 47.

pelo seu desempenho na defesa dos membros maçons. Ou o acadêmico esteja mencionando a possibilidade do escritor ter feito parte do *Club do Cupim*, movimento abolicionista atuante no Recife fundado por João Ramos com o “único lema de libertar os escravos *por todos os meios*”¹⁹. O Club – com o muito apropriado e sugestivo nome de *Cupim* - é lembrado pelas peripécias associadas às operações que tomavam os cativos e os levavam para lugares em que viveriam em liberdade, como algumas cidades do Ceará e do Rio Grande do Norte que já tinham posto fim ao regime escravagista.

No final do ano de 1901, o escritor sofreu um Acidente Vascular Cerebral (AVC). Devido ao seu estado, nos começos de 1902 mudou-se para a cidade de Caruaru, no Agreste pernambucano, a fim de se recuperar e repousar. Mesmo com a saúde frágil, ao chegar no município, envolveu-se com o *Clube Literário Caruaruense* e com a *Sociedade Dramática Caruaruense*, além de participar da imprensa local com suas contribuições.²⁰

Alguns meses mais tarde, em 1908, já no Recife, sofre um novo AVC, dessa vez mais intenso, que o debilitou comprometendo os seus movimentos do lado direito do corpo. Todavia, nem mesmo esta situação freou a relação de Carneiro Vilella com as letras devido à habilidade ambidestra desenvolvida. No entanto, suas idas às redações dos periódicos que contribuía ficaram comprometidas, estando agora compelido a permanecer em sua residência no Sítio Piranga. Mas, ainda assim, despachava os seus trabalhos para os jornais e traduzia romances franceses²¹. Vale mencionar o emblemático caso que ilustra a imagem que podemos esboçar do escritor. O então jovem jornalista Mário Melo, ainda calouro do curso de Direito na Faculdade de Direito do Recife, iniciou-se na imprensa pernambucana convivendo com o Carneiro Vilella na mesma redação de jornal: “Admirava-o e ele me dava atenção. Tanto quanto possível entre um velho de mais de sessenta anos e um môço que ainda não completara vinte, fomos bons amigos”, relata Melo. E prossegue:

Às vezes saíamos juntos do jornal, que era vespertino – Correio do Recife – situado na rua do Imperador. Ele morava na rua da Concórdia e eu o acompanhava até o fim da rua Nova, para ir gosando (sic) de sua companhia. Invariavelmente, tomava o passeio do lado do sol.

Interpelei-o, uma vez, sobre êsse hábito.

- Tenho duas razões poderosas. Primeiro: do lado do sol há menos gente do que do da sombra: evito, assim, estar recebendo cotoveladas em meu braço doente, ou pisadelas em minha perna semi-amortecida. Segundo: quem quer pôr uma tocaia, procura o lado da sombra. Tenho inimigos.²²

Um ano depois o *Jornal Pequeno*, órgão tão caro a Vilella, inicia a publicação em folhetins de sua obra mais conhecida: *A Emparedada da Rua Nova*. No dia 1º de julho de 1913 o escritor faleceu, em sua residência, no seu sítio Piranga.

Carneiro Vilella deixou pelo menos 13 folhetins, inúmeras crônicas e uma vasta obra em letras, aquarelas e ribaltas que carecem de atenção e análise dedicadas com a mesma intensidade devotada pelo seu criador.

¹⁹ VILELLA, Carneiro. O club do cupim. *Revista do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico Pernambucano*. Recife, 27:417-427 e *Jornal Pequeno*, Recife, 15 maio 1905. Texto das atas do Club do Cupim. In: SILVA, Leonardo Dantas. *A abolição em Pernambuco*. Recife: Fundaj, Editora Massangana, 1988, p. 30. (grifo nosso).

²⁰ VILELLA, Carmélio dos Santos. *Carneiro Vilella: nascimento, vida e morte*. Recife: Ed. Do Autor, 2005, p. 47.

²¹ VILELLA, Carmélio dos Santos, op. cit.

²² MELO, Mário. Prefácio. In: VILELLA, Carneiro. *A Emparedada da Rua Nova*. 2. ed. Recife: Edições Mozart, 1936.

3. Acerca dos escritos de Vilella – Tragédias de uma emparedada na Rua Nova

Nenhum resumo poderá exprimir as sutilezas de obra volumosa e emaranhada como *A Emparedada da Rua Nova*. Criação controversa desde sua origem, há certa penumbra misteriosa cercando os aspectos que envolvem estes escritos de Carneiro Vilella.

A maioria das publicações referentes à *Emparedada* informa que é obra apresentada ao público pelos folhetins do *Jornal Pequeno* entre 3 de agosto de 1909 e 27 de janeiro de 1912²³ - obra longa, portanto, que sustentou-se por quase dois anos e meio (mais tempo até do que *O Conde de Monte Cristo* de Dumas, ao qual se refere admirada Marlyse Meyer: “uma publicação que segurou o fôlego dos leitores durante um ano e meio!”²⁴). Pode-se pressupor que o folhetim obteve considerável sucesso já que a Livraria Mozart registrou em seu boletim que foram vendidos duzentos exemplares apenas no primeiro dia do lançamento²⁵ e, saliente-se, mais de duas décadas após sua saída no *Jornal Pequeno*. No entanto, alguns elementos evidenciam que o folhetim do *Pequeno* não teria sido a primeira aparição do romance.

No prefácio “Breve Notícia” da terceira edição do livro em análise, Lucilo Varejão Filho comenta a “confusão” de datas:

Ora, o exemplar d’A Emparedada que se encontra na Biblioteca da Academia Pernambucana de Letras, por oferta do “sebista” recifense Brandão, traz a seguinte indicação na sua folha de rosto: “Recife. Typographia Central. Rua do Imperador, 73. 1886”, o que, [...] comprovaria um estranho sistema: a publicação em livro, 23 anos antes da divulgação em folhetins, nos jornais de 1909.²⁶

Varejão Filho conjectura um possível equívoco e o que parecia ser a primeira publicação teria sido uma reapresentação. Segundo o professor Varejão, esta suposição seria bastante aceitável já que diversos trabalhos de Carneiro Vilella saídos no periódico pernambucano *A Província* foram publicados até vinte anos antes n’*América Ilustrada*. A hipótese também ganha força quando se tem em mente que o folhetim do *Jornal Pequeno* com a famosa obra estava estampando os rodapés num período em que seu autor se recuperava de um derrame cerebral – acidente que voltou a acometer fatalmente Carneiro Vilella em 1913. “A *Emparedada* parece-nos obra muito segura pra ter sido escrita por alguém que acabara de sofrer um derrame cerebral”, conclui Varejão.

Em consonância com Lucilo Varejão Filho, Helena Maria Ramos de Mendonça compartilha a inquietação relacionada à origem do livro e traz uma nova provocação: originalmente *A Emparedada da Rua Nova* seria o subtítulo do romance chamado *Tragédias do Recife*. O Diário de Pernambuco de 25 de maio de 1886 fornece o encaixe:

As tragedias do Recife – Assim denominou o Sr. Dr. Carneiro Villela um romance que escreveu e está dando a estampa em fascículos, o primeiro dos quaes temos a vista.

Diz o autor que esse romance “consta de factos dramáticos e reaes, passados n’esta cidade em diferentes épocas, factos estes que, não obstante terem despertado a atenção publica, ficaram, por circunstancias umas de acaso e outras de conveniencia de momento, sepultados no mais profundo mysterio.”

²³ VILELLA, Carmélio dos Santos. **Carneiro Vilella**: nascimento, vida e morte. Recife: Ed. Do Autor, 2005, p. 117.

²⁴ MEYER, Marlyse. **Folhetim**: uma história. São Paulo: Companhia da Letras, 1996, p. 62.

²⁵ VILELLA, Carmélio dos Santos, op. cit., p. 118.

²⁶ VAREJÃO FILHO, Lucilo. Breve Notícia. In: VILELLA, Carneiro. **A Emparedada da Rua Nova**. 3. ed. Recife: Coleção Recife, 1984. Prefácio de Lucilo Varejão Filho, p. 14-15.

E quasi impossível, pelo fascículo que possuímos, julgar do mérito da obra com inteira justiça. Entretanto esse fascículo denuncia ser o romance cheio de lances dramáticos e interessantes, e o que mais é, escripto em bom estylo. Nem era de esperar outra cousa, dados os antecedentes litterarios do Sr. Dr. Carneiro Villela escriptor já conhecido e festejado.

O romance é illustrado com estampas e d'elle será publicado um fascículo por semana até completar 2 volumes.²⁷

Helena Mendonça explica o pensamento que possibilita a crença de ser *Tragédias do Recife* a trama da moça emurada viva na Rua Nova:

Ora, de acordo com as informações recolhidas, *As Tragédias do Recife* foram veiculadas em fascículos semanais a partir de maio de 1886. Como *A Emparedada da Rua Nova* é um romance composto por 80 capítulos, a distribuição de *As Tragédias do Recife* deve ter sido finalizada no final do ano de 1887, quando ela deve ter sido enfeitada em forma de livro.

Mas então, por que a primeira edição do livro é datada do ano de 1886 e não, de 1887? É válido destacar que, segundo a notícia do *Diário de Pernambuco*, *As Tragédias do Recife* era o título de “[...] um romance que (o Sr. Dr. Carneiro Vilela) escreveu e está dando a estampa em fascículos [...]”, ou seja, o romance já estava escrito, talvez por esse motivo a primeira publicação tenha privilegiado o ano de 1886.²⁸

E pode-se, ainda, acrescentar outras evidências que permitem tomar o caminho de percepção análogos ao de Mendonça e de Varejão. Assim como anunciado no *Diário de Pernambuco*, o narrador d’*A Emparedada* afirma na chamada do jornal e repetidas vezes no próprio livro, em diversas passagens, está se tratando de “factos dramáticos e reaes”. O centenário periódico também afirma que o artista de múltiplas faces insere no romance anunciado algumas ilustrações. A terceira edição da *Emparedada* também trouxe este elemento: “descobrimos que em sua 1ª. edição saíra ele ornado de quatro desenhos de autoria do próprio Carneiro Vilella. Omitidos, certamente, por motivo de economia pela Casa Mozart²⁹”, explica Lucilo Varejão Filho no prefácio da obra. Helena Mendonça ainda presume as razões pelas quais a obra assumiu a forma de folhetim mostrando que

Não é de se estranhar que tal formato tenha sido privilegiado, uma vez que a composição do romance de Vilela era extremamente favorável às páginas de “Variedades”: capítulos curtos (em média, seis páginas) e numerosos, recheados de ação e de mistério.³⁰

O próprio narrador, nas últimas páginas da história, deixa registrado o que poderia ser o nome original e agora presumido da trama: “Talvez o leitor exija que lhe demos notícia

²⁷ Ver anexo B.

²⁸ MENDONÇA, Helena Maria Ramos de. **O Don Juan da Rua Nova**: um estudo-itinerário sobre *A Emparedada da Rua Nova*, de Joaquim Maria Carneiro Vilela. Recife: O autor, 2008. 110 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008, p. 50.

²⁹ VAREJÃO FILHO, Lucilo. Breve Notícia. In: VILELA, Carneiro. **A Emparedada da Rua Nova**. 3. ed. Recife: Coleção Recife, 1984. Prefácio de Lucilo Varejão Filho, p. 13.

³⁰ MENDONÇA, Helena Maria Ramos de. **O Don Juan da Rua Nova**: um estudo-itinerário sobre *A Emparedada da Rua Nova*, de Joaquim Maria Carneiro Vilela. Recife: O autor, 2008. 110 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008, p. 49.

exata do fim que tiveram todos os personagens que figuraram neste episódio das *Tragédias do Recife*”³¹.

Portanto, é possível que *Tragédias do Recife* tenha sido, outrora, o título pelo qual se conhece, nos últimos tempos, o romance *A Emparedada da Rua Nova*.

4. Narrativa de tragédias – História de um emparedamento

Pede-se licença e uma adiantada rogativa de perdão pela tentativa de transpor em algumas páginas esta obra de Carneiro Vilella. Iremos bater à porta do sobrado da Família Favais e fazer às honras aos personagens que habitam as páginas do escritor Vilella. Agora o ano é 1864, o lugar é Recife, bairro de Santo Antônio, e a famosa Rua Nova em seus idos tempos de esplendor é o ponto de referência. Rostand Paraíso explica didaticamente o surgimento do espaço: nos tempos de domínio holandês em Pernambuco, de 1630 a 1654, foi construída uma Casa de Pólvora, depósito de materiais bélicos e munições, num descampado onde hoje está a Matriz de Santo Antônio. As casas erguidas nas proximidades aos poucos desenharam um caminho que ficou conhecido como a Rua Nova da Casa da Pólvora. Em 1752 o depósito é transferido para outro local devido ao perigo que poderia causar ao aglomerado residencial e comercial que surgia e fica conhecida como a Rua Nova de Santo Antônio para, no decorrer do tempo, ser usualmente abreviada. É interessante informar que entre os anos de 1870 e 1930 a via era oficialmente Rua do Barão de Vitória em homenagem a José Joaquim Coelho que lutou na Guerra do Paraguai. Após o assassinato de João Pessoa, presidente da Paraíba, na Confeitaria Glória em 26 de julho de 1930, passou a ser denominada oficialmente de Rua João Pessoa. E se destaque o *oficialmente* nesses casos já que para a população de Recife a rua era simplesmente Nova. No ano de 1937 é que o nome *Rua Nova* foi registrado por lei municipal.³²

Pois bem, é aí que nas páginas de Carneiro Vilella habitam o comendador português Jaime Favais, sua mulher brasileira – mas filha de seu tio português, o também comendador Antônio Braga - Josefina e a jovem filha do casal, Clotilde, rapariga-título da trama. Há ainda menção a um filho dois anos mais velho que Clotilde, Manuel, que está completando estudos na Europa e que não se insere no enredo. Ainda são citados um moleque e a escrava doméstica Joanna, que possui uma relação próxima à sinhazinha. A casa mantinha, como recorrente à época, o comércio com o qual Jaime construiu uma das fortunas mais sólidas de Recife, juntamente com o prestígio de seu nome. “(...) como escrevemos um romance real e verídico, não declaramos aqui, por escrúpulo bem entendido e por conveniências que todos compreenderão, nem o gênero de negócio nem o número desta casa”³³, adverte o narrador. Apesar dessa hesitação, é possível sim conhecer o tipo de comércio que predominava na área. José Antônio Gonsalves de Mello observa, na grandiosa obra do historiador Francisco Augusto Pereira da Costa, que “é no século XIX que se começa a perceber melhor a estruturação econômica e social do Recife e de Santo Antônio e se pode esboçar uma história social desses dois bairros.”³⁴ Por meio dos Almanques da época, Pereira da Costa dispõe um panorama de “residência das várias classes sociais e de comércio nos seus vários níveis e especializações”. Observa-se que o Bairro de Santo Antônio – com destaque para a Rua Nova – concentrava comércio de “cousas miúdas”, artigos de luxo e casas femininas:

³¹ VILELA, Carneiro, op. cit., p. 553.

³² PARAÍSO, Rostand. As tragédias da Rua Nova (1). **Jornal do Commercio**, Recife, 23 dez. 2001. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/JC/_2001/2312/art2312b.htm> Acesso em: 26 jul. 2011.

³³ VILELA, Carneiro. **A Emparedada da Rua Nova**. 3. ed. Recife: Coleção Recife, 1984. Prefácio de Lucilo Varejão Filho, p. 31.

³⁴ GONSALVES DE MELLO, J. A. Prefácio. In: COSTA, Francisco Augusto Pereira da. **Anais pernambucanos**. Recife: FUNDARPE, 1984. Prefácio, aditamentos e correções de José Antônio Gonsalves de Mello. Fac-símile da edição de 1958 do Arquivo Público Estadual, v. 7, p. XIX.

Na Praça da Independência e na Rua Nova localizavam-se 5 das 7 “lojas de calçado estrangeiro”. Das 4 casas fotográficas então relacionadas 3 estavam na Rua Nova. Das “lojas de fazenda”, 15 estavam estabelecidas na Rua do Crespo (rebatizada 1º de março), 6 na do Cabugá e 4 na Rua Nova [...]. Dos 34 alfaiates 10 estavam na Rua Nova e 8 na do Queimado.³⁵

No sobrado de Jaime Favais ainda residia um seu sobrinho, João Paulo Favais. Era seu primeiro caixeiro, empregado de confiança, sobretudo por fazer parte da família e ser também português, que estava encarregado de gerir o seu comércio.

A família vivia em aparente harmonia, desfrutando uma boa posição na sociedade. Josefina era esposa dedicada e mãe amiga, admirada pela sua beleza e honestidade. O comerciante era respeitado na praça comercial, acabara de receber a Comenda da Conceição por serviços prestados ao Hospital Português e já sonhava com um futuro baronato. A jovem Clotilde era moça bonita, tinha um avô que a queria muitíssimo e um bom dote a oferecer para quem lhe pretendesse por esposa. Tinha saído há pouco do Colégio das Irmãs de Caridade e, contrastando com sua imagem serena, adquirira ímpetos de rebeldias e revoltas íntimas que aos poucos vão se revelando numa energia máscula, enfrentando as circunstâncias que se opõem a seus desejos. João Favais é alvo dessa força de Clotilde. O jovem caixeiro tem por ambição trilhar a mesma trajetória do tio e fazer fortuna adquirindo espaço em seu comércio e aumentando a própria parte na herança casando-se com sua prima. Clotilde, por sua vez, demonstra claramente entender os sentimentos de ganâncias monetárias que movem seu primo e trata-o com desprezo e escárnio, adquirindo apoio de sua mãe e seu avô na oposição ao consórcio. Ainda que Jaime Favais veja com bons olhos a união da filha com o sobrinho, o comerciante manifesta preocupação com a vontade da filha e respeita a sua recusa.

Por essa época, chega ao Recife Celeste Cavalcanti, filha de senhor de engenho e agora também esposa de um senhor de engenho próximo a Paudalho, amigo de seu pai e que tinha quase o dobro de sua idade, Tomé Cavalcanti – descendente de tradicional família pernambucana. Celeste fora amiga de Josefina Favais à época de colégio e tinham se separado quando Celeste voltou à casa paterna. A menina de engenho revelou-se furiosa namorada, adquirindo comportamento condenável ao se envolver com homens casados e escravos. Chegando aos 22 anos sem contrair matrimônio e temendo “ficar para tia”, Celeste aceita o pedido de casamento de Tomé, solteirão que realmente se encantou pela beleza e sedução da moça. Casada, Celeste devotou amizade verdadeira a seu marido e gerou-lhe um filho. Com pretexto de educação do herdeiro, Celeste insiste que deveriam se mudar para o Recife. E assim foi feito, a família Cavalcanti mudara-se para uma casa na Passagem da Madalena. Apesar de estima pelo marido, a Cavalcanti não se submetera às regras do matrimônio e a mudança veio catalisar sua personalidade lasciva: “murmurava-se então que a namorada do engenho se transformara em cortesã do salão”³⁶. Assim que Celeste chega para viver na Passagem da Madalena, em casa muito freqüentada pela alta sociedade da época, estreita laços com sua antiga amiga de colégio que agora mora na Rua Nova.

Josefina, por sua vez, começa a estimular mudanças dentro de sua própria moradia em decorrência da amizade com Celeste. Antes uma família reclusa e discreta, os Favais passam a conviver com as festas, saraus e bailes amiúde; começam a fazer parte do círculo festivo e

³⁵ GONSALVES DE MELLO, J. A. Prefácio. In: COSTA, Francisco Augusto Pereira da. **Anais pernambucanos**. Recife: FUNDARPE, 1984. Prefácio, aditamentos e correções de José Antônio Gonsalves de Mello. Fac-símile da edição de 1958 do Arquivo Público Estadual, v. 7, p. XIX, p. XX.

³⁶ VILELA, Carneiro. **A Emparedada da Rua Nova**. 3. ed. Recife: Coleção Recife, 1984. Prefácio de Lucilo Varejão Filho, p. 227.

luxuoso que a mulher do Cavalcanti provocou com sua presença. Interessante explicação o narrador faz de sua “metamorfose”, de mulher virtuosa aos olhos da sociedade à senhora burguesa que se torna leviana por se deixar seduzir pelos ímpetos de vaidade e de desejos reprimidos que são provocados à manifestação:

De repente, porém, a monotonia, necessariamente existente nesse seu viver de quase reclusão, rompeu-se com a súbita aparição de Celeste. Alargava-se inesperadamente o círculo de suas relações e Josefina, atraída e atirada ao meio daquele mundo novo para ela e apenas entrevisto nos seus sonhos após a leitura dos romances mais afrodisíacos, sentia-se outra e ofegava cheia de anelitos frementes, procurando aspirar todas aquelas emoções embriagadoras e, há tanto tempo desejadas. [...] Respirando uma nova atmosfera, adquirira novas forças... sentira remoçar-se e sob aquelas luzes enervadoras e excitantes, ao contato daqueles costumes livres e elegantes, ouvindo continuamente aquelas frases de galanteio e de um requinte estimulante, que soem povoar o mundo da aristocracia, a burguesa não pôde impedir que acordasse a sua natureza ardente e impetuosa e sentiu galopar-lhe nas veias o sangue fervido da antiga colegial. Esquecera-se de que era mãe – como também o fizera sua amiga – para só se lembrar de que era ainda formosa, tão formosa que não podia passar despercebida em qualquer salão, e que suportaria vantajosamente o confronto com qualquer senhora, ainda de menos idade do que ela.³⁷

É neste ambiente que a mulher do comerciante conhece um jovem rapaz, extremamente elegante e tão perigosamente belo quanto misterioso. Chamava-se Leandro Dantas e dizia-se estudante de Medicina na Bahia. “Leandro Dantas era um desses muitos indivíduos, que pululam na nossa sociedade sem se saber ao certo quem sejam, de onde venham nem para onde vão”³⁸, na apresentação do narrador. O certo é que o mancebo se distinguia no meio social recifense, se vestia com apuro e galhardia, era conhecido e mesmo querido nos salões de comendadores, barões, viscondessas e afins. É o narrador do romance que continua traçando sua figura³⁹: “A sua natureza sensual e o seu gênio afoito davam-se bem na atmosfera feminina. E o mulherio não desdenhava as suas homenagens, não desgostava das suas afoitezas”. Leandro é “Lovelace incorrigível” e “Don Juan cínico”. É este rapaz quem catalisa muitas das turbulências que se desenrolam na trama.

A “nova” Josefina tenta resistir, mas não consegue ceder às investidas de Leandro, que começa a assediá-la a esposa do comendador. A mulher de Jaime Favais o toma como amante, mas o que ela não sabe é que antes dela o moço também mantinha relações amorosas com sua amiga Celeste. Leandro se envolve com as duas amigas sem que nenhuma delas saiba de seus relacionamentos fora do matrimônio, apesar da amizade que ligava as duas mulheres. No entanto, um complicador maior começa a se manifestar: Clotilde Favais, filha de Josefina, apaixonou-se profundamente pelo mesmo Leandro Dantas, amante de sua mãe.

Clotilde naturalmente desejava casar-se: era moça, bonita, tinha uma educação tradicional e, principalmente, possuía um bom dote herdado da fortuna de seu pai e de seu avô. A moça sabia de seus atributos para aquisição de um bom marido para si. Porém, por mais que ela tentasse aproximação com Leandro, mais ele a tratava com frieza, distanciamento e não lhe dava nenhuma esperança que pudesse deixar o coração da rapariga feliz. A explicação é presumida: como bom sedutor sem compromisso que se mostrava,

³⁷ VILELA, Carneiro. **A Emparedada da Rua Nova**. 3. ed. Recife: Coleção Recife, 1984. Prefácio de Lucilo Varejão Filho, p. 295.

³⁸ VILELA, Carneiro, op. cit, p. 246.

³⁹ VILELA, op.cit., p. 248.

Leandro não travava namoros com moças casadouras. Direcionava seus encantos ao se divertir com mulheres que não fossem atravancar-lhe o caminho com propostas de casamento pelo óbvio motivo de já serem esposas de outros homens. Sem conhecer essas motivações, Clotilde não entendia sua falta de sucesso com Leandro enquanto muitos outros rapazes da província desejam suas qualidades para esposa. A moça fica consternada ante a indiferença do homem que ama e cada vez mais abatida por uma paixão sem correspondência.

Encorajada e ajudada pela escrava, a única para quem confiava o segredo de seu coração, Clotilde cerca Leandro. Numa noite em que o rapaz iria ao encontro de Josefina, a filha do comendador Favais vê o mancebo aproximando-se e vai para o local em que ele está indo, imaginando que o moço estaria ali por causa da sua presença e que ele também nutria os mesmos sentimentos por ela, mas não tinha coragem de falar-lhe. Algum tempo depois deste encontro – imprevisto para Leandro mais do que para Clotilde – a moça começaria a sentir os primeiros sinais de sua gravidez.

As cousas complicam-se na família do negociante. O comendador Jaime Favais começa a desconfiar de sua mulher. Josefina está mudada, o casamento não é mais o mesmo. A instintiva desconfiança – naturalmente sentida por vários maridos da sociedade – em relação a Leandro Dantas toma forma por meio de evidências, boatos e mal-entendidos que fornecem material comprobatório da falta de sua mulher. Era um marido traído. Depois das contorções de dor que a constatação do adultério provocou em sua honra ferida, depois de quase atentar contra a vida de Josefina, o comendador toma uma resolução: iria matar Leandro Dantas, mas de maneira que sua posição ficasse imaculada. Um crime encomendado e pensado para que nenhuma suspeita caísse sobre seu nome. Neste momento, Jaime lembra-se de um “zarolho” que conheceu numa confusão ocorrida na festa de Nossa Senhora da Saúde, no Poço da Panela – localidade (juntamente com Monteiro, Apipucos e arrabaldes) para onde convergiam os pernambucanos mais abastados em épocas de descanso e de veraneios, costume retratado de maneira interessante pelo narrador d’*A Emparedada* quando os Favais e os Cavalcantis passam temporadas em casas alugadas nessas cercanias. O homem estrábico e com um insistente pigarro – forjados de modo a lhe convir nas situações em que se achava mais embaraçado - chama-se Hermínio, mas, pelas suas características também tinha a alcunha de Zanolho e de Dr. Pigarro. Ficaram, ele e Jaime, devendo-se favores por se livrarem de situações perigosas na festa do Poço. O comendador se lembrará deste homem para dar cabo da vida do amante de sua mulher.

Juntamente com Hermínio, apareceria outro comparsa para participar da tramóia: o Bernardino, ladrão de cavalos conhecido com o plástico apelido de “Bigode de Arame”. O plano é montado pelos dois homens e financiado por Jaime Favais. Eis os termos nos quais o crime foi tramado: embarcariam uma pessoa para fora da província passando-se esta pessoa por Leandro Dantas e o verdadeiro Leandro seria morto sem sua identidade. Para tanto, Hermínio, com seu largo conhecimento das personagens que povoava os palcos recifenses, designou Oscar Pallet como peça ideal para a realização do delito. Oscar era conhecido como “Alabama” na cidade do Recife. Apresentava-se como americano confederado e oficial do vapor que lhe emprestou a alcunha, entretanto acreditavam-no polonês e também o designavam de “Polaco”. O Alabama teria chegado há pouco da Europa no vapor inglês Madalena e estava hospedado no Hotel da Europa. Tinha esperança de fazer fortuna com seu faro para jogos, mas afundou-se em dívidas e perdeu sua tranqüilidade nas mesas de azar da Rua de São Pedro. Não tinha nada a perder o Polaco e uma oportunidade de sair do Recife com muito dinheiro era-lhe irrecusável. Foi isso que fez prontamente quando lhe foi proposto e o *Diário de Pernambuco* daqueles dias registra a informação fabricada da saída de Leandro Dantas da província.

A despeito do que era informado, Leandro permanecia em terras pernambucanas. O mancebo quase não tinha oportunidade de falar e muito menos ver Josefina. Na Rua Nova, o

sobrado dos Favais testemunhava tempos difíceis, acirramento de ânimos entre Jaime e Josefina, uma crescente ira entre os membros da família: Jaime era insípido e rígido com sua mulher, a esposa o detestava cada dia mais por cercear-lhe os passeios e perseguir suas ações e Clotilde, percebendo a tenção entre seus genitores, enraivecia-se contra o pai pela maneira que tratava a mãe e pela ojeriza do comendador que afastava toda a família – e principalmente ela mesma - de Leandro Dantas, embora todos ignorassem seu amor pelo rapaz.

Em seu desespero por ver o amante, Josefina lhe escreve uma carta. Esta folha é interceptada por seu marido que agora além de ter a confirmação material da infidelidade de sua mulher também possui uma isca poderosa para a articulação de seu delito. Com a missiva em mãos, Jaime forja a letra de Josefina e acrescenta ao conteúdo do texto escrito por sua esposa um encontro num lugar que propiciasse a execução da emboscada. O mancebo é atraído – com a indispensável maquinação de *Zarolho* e *Bigode de Arame* – para as capoeiras do Engenho *Suaçuna* (*sic*), em Jaboaão. Ali, Leandro Dantas é assassinado.

O corpo, entretanto, não é recolhido, escondido ou sepultado. Os *corvos* denunciam e as gazetas da província do dia 23 de fevereiro de 1864 noticiam que “dentro de umas capoeiras em terras do engenho *Suaçuna*, distrito de Jaboaão, foi encontrado já em estado de putrefação o cadáver de um homem branco, tendo uma facada sobre o peito esquerdo”⁴⁰. Enterrando-se o corpo no mesmo local onde foi encontrado, porém persistindo os questionamentos sobre sua identidade, as autoridades policiais decidem realizar a exumação do cadáver numa tentativa de esclarecer o crime. Ao tomar conhecimento da repercussão que está adquirindo o caso, Jaime Favais faz questão de participar no momento da exumação do corpo. Seus comparsas, *Bigode de Arame* e *Zarolho*, também estarão junto a uma pequena multidão de curiosos. O comendador trama uma situação que faça as autoridades policiais acreditarem que a morte foi suicida. Delegado, peritos e escrivão acabam por levarem essa versão aos trâmites oficiais. No entanto, uma pessoa naquele meio desconfia de tudo quanto é afirmado oficialmente e, no rastro do negociante, desenvolve uma investigação particular. Essa pessoa, um rapaz, era o *Jeréba*.

É forçosa uma suspensão para apresentarmos o *Jeréba* e as circunstâncias que o levaram ao enalço de Jaime Favais. Chamava-se Fortunato Dias o rapaz e advinha de “boa família, tendo recebido educação esmerada”⁴¹. Entretanto, após envolver-se numa confusão comprometendo os negócios de família, dinheiro e mulheres, perdeu o amparo de parentes e crédito para conseguir emprego em qualquer lugar. Vivia de favores pelo Recife e, nesta condição, convivia muito com os lugares e as pessoas da cidade. O narrador nos põe diante do personagem:

Conhecia todo mundo; a todos falava e ninguém se coibia de trocar com ele alguns dedos de palestra. Todos os estimavam, patrões e caixeiros, doutores e estudantes, oficiais e soldados, comendadores e artistas, padres e mulheres, de todo o gênero de vida.⁴²

Naquele dia, o da exumação do corpo encontrado no engenho, foi chamado por João Favais, sobrinho de Jaime. João estranhara o movimento no sobrado com a figura do *Zarolho* subindo as escadas para ir ao encontro do comendador, espantou-se ainda mais com a atitude nervosa do tio após essa entrevista. O rapaz, então, pede ao *Jeréba* que descubra o que estaria acontecendo e este, num arroubo de moço desejoso de aventuras e heroísmos, acata o pedido de João como se fosse ímpeto seu, manifesta curiosidade própria e torna-se uma ameaça para

⁴⁰ VILELA, Carneiro. **A Emparedada da Rua Nova**. 3. ed. Recife: Coleção Recife, 1984. Prefácio de Lucilo Varejão Filho, p. 20.

⁴¹ VILELA, Carneiro, op. cit., p. 84.

⁴² VILELA, Carneiro, op. cit., p. 85.

Jaime ao descobrir a verdadeira identidade do cadáver que jazia insepulto em Jabotão. Grande é sua comoção ao reconhecer o defunto pois *Jeréba* era amigo de longa data e íntimo de Leandro Dantas. Era o único que sabia os segredos de Leandro: tinha conhecimento de sua origem comprometedor, que era filho bastardo de um português com uma prostituta, Maria Carolina Dantas, a *Calu*; que sua família – mãe e irmã mais nova – vivia num sobrado que lhe foi dado de herança pelo pai antes de falecer e que o rapaz mantinha essa família em segredo para não ser rejeitado pela alta sociedade. Mais do que isso, *Jeréba* estava a par dos relacionamentos que o amigo travava com as damas da cidade. O caso, portanto, passa a afetar diretamente a Fortunato Dias. Era seu amigo que tinham assassinado e ele talvez fosse o único que pudesse fazer justiça já que sabia quem eram os mandantes e quais as motivações para o homicídio. Por isso, por desconfiarem que estariam perdidos tendo seu segredo criminoso em posse do *Jeréba*, Hermínio e Bernardino, com permissão de Jaime, atentam contra a vida do rapaz e acreditam que ele está morto. Com a consciência de que está livre de quaisquer contratempos que possam lhe comprometer, Jaime recebe um bilhete de seu tio e sogro, o comendador Antônio Braga, pedindo para que voltasse imediatamente de Jabotão, onde estava em casa do delegado.

Em Recife, Favais e Cavalcanti viviam momentos delicados. Após a suposta viagem de Leandro Dantas para fora da província, *Calu* – mãe de Leandro – bate à porta de Celeste com algumas das cartas que ela escrevia para seu filho, provando sua falta como esposa. *Calu* pede a Celeste que lhe dê dinheiro pelas cartas ou ela faria seu adultério público e provado, sobretudo para o marido traído, Tomé Cavalcanti. Desesperada, sem ter como dispor em tempo estipulado pela chantageadora a quantia pedida, a Cavalcanti recorre a Josefina e se vê forçada a confessar quem era seu amante. Ao ouvir o nome daquele que também era o seu amásio, Josefina é vítima de tremenda congestão mental que a deixa febril e delirante, confessando a Celeste, a Clotilde e ao Comendador Antonio Braga a sua relação com Leandro. Após esta noite de revelações, na qual o próprio Tomé descobriu o adultério de sua mulher, o comendador lembra-se que havia recebido um recado do Chefe de Polícia, dizendo que precisava falar-lhe. A autoridade gostaria de entregar ao velho comendador objeto extremamente comprometedor para sua família: a carta escrita por Josefina, forjada por Jaime para atrair o amante de sua mulher e que foi encontrada no bolso do cadáver de *Suaçuna*. Extremamente abatido e envergonhado, o comendador recebe a carta e também cala o segredo que poderia fazer justiça à morte de Leandro Dantas.

A família Favais tenta voltar à normalidade, porém mais uma vez é vítima de turbulências. Agora é o *Jeréba* que volta ao Recife, recuperado do atentado do *Zarolho* e do *Bigode de Arame*. O rapaz faz fortuna chantageando Jaime Favais com o conhecimento do seu delito. Antes de sair da província, *Jeréba* conta a João Favais – quem, aliás, lhe solicitou a investigação - o que se passou em terras jaboatonenses. Dispondo do segredo do tio, João o coloca contra a parede e pede que se faça imediatamente o seu casamento com sua prima. Travam-se, então, combates violentíssimos entre pai e filha. No auge de uma destas discussões, Clotilde declara que ama Leandro Dantas e que soube, pela boca de João Favais e pela sua perspicácia, que o mancebo estava morto e que o pai era o assassino. Josefina enlouquece com a revelação do assassinato do amante pelo marido. Os episódios ocorridos nos últimos dias abatem o velho comendador Antônio Braga, que morre pouco depois.

Sem o avô para interceder pela sua felicidade e com a mãe acometida por demência permanente, Clotilde resiste ao seu casamento com João Favais. Sem poder esconder por mais tempo seu estado e lançando mão do último recurso que poderia evitar o matrimônio com o primo, ela revela ao primo que está grávida de Leandro Dantas. Jaime também descobre a situação da filha e, furioso e humilhado, implora que João case-se com ela, mesmo “desonrada”. O sobrinho aceita a proposta do tio, sabendo que ganharia agora muito mais do

que o dote matrimonial com aquele negócio, no entanto é Clotilde quem resoluta e definitivamente nega qualquer possibilidade de aliança com João Favais.

É diante desta situação que, finalmente, Jaime Favais toma a resolução derradeira: dar cabo de uma situação que poderia ser o escândalo estrondoso da sua família. É o famoso “emparedamento”. Numa descrição lancinante, o narrador encerra a sucessão de tragédias do folhetim com Jaime Favais emparedando Clotilde, sua filha grávida, no sobrado da Rua Nova.

5. Pelas fendas das paredes – Obras numa velha rua

As cerca de 550 páginas – na terceira edição d’*A Emparedada da Rua Nova* – retratam paisagens e costumes do Recife sob o olhar ferinamente crítico do escritor Vilella. Diversas matrizes sociais são colocadas em questionamento ou, ao menos, em reflexão. Essa postura do narrador já foi apontada como uma “espécie de sociologia da hipocrisia”⁴³. É contínua a utilização de ironias. As convenções sociais e os sentimentos pessoais estão em constante embate.

Um dos traços marcantes registrado pelo narrador d’*A Emparedada* é a tensão entre brasileiros e portugueses. A narrativa parece querer captar uma atmosfera antilusitana que pairava nos anos seguintes ao processo de Independência do Brasil e que seria manifestada de forma mais agressiva, sobretudo em Pernambuco, na Revolução Praieira de 1848. Um episódio que retrata essa característica do romance é a confusão que ocorre no hasteamento da bandeira de Nossa Senhora da Saúde:

Por cima de todos os clamores, dominando todos os borbórinhos (*sic*) e como que caracterizando todos os sentimentos desordenados, todas as raivas concentradas, da população, soou um grito, que causa sempre o terror entre os homens sérios, e produz entusiasmos aos turbulentos e aos capoeiras:

- Mata marinheiro!

A confusão entre os espectadores da bandeira, que enchiam o largo, foi sem nome. Todos gritavam a um tempo e corriam sem ordem e quase sem sentidos.⁴⁴

Os “marinheiros” eram justamente os portugueses. Os *mata-marinheiros* eram manifestações de violência marcadas por acontecerem com intensidade por volta de 1845 e 1848⁴⁵, culminando com a Praieira. De maneira geral, o movimento consistia na revolta contra o partido conservador – os “guabirus” – que tinha liderança pernambucana das famílias Rego Barros e Cavalcanti e a reivindicação da nacionalização do comércio de retalhos, a essa época dominado pelos lusitanos, que vendiam a preços altos além de cobrar juros exorbitantes⁴⁶. Esse acirramento também é sentido na descrição de personagens portugueses de três gerações – Antônio Braga, Jaime Favais e João Paulo Favais (além de figuras mais fugazes pululantes na obra como Sr. Antônio, amante da *Calu*) – que chegam em terras brasileiras com a tentativa de fazer fortuna e que muitas vezes eram percebidos como usurpadores das oportunidades de emprego e posições sociais que deveriam ser de pessoas

⁴³ PESSOA, Ângelo Emílio da Silva. Sociologia da hipocrisia ou breves considerações sobre um centenário romance recifense: *A Emparedada da Rua Nova*. **Saeculum**, João Pessoa, n. 20, p. 34-48, jan/jun. 2009.

⁴⁴ VILELLA, Carneiro. **A Emparedada da Rua Nova**. 3. ed. Recife: Coleção Recife, 1984. Prefácio de Lucilo Varejão Filho, p. 368.

⁴⁵ CARVALHO, Marcus. Os nomes da *Revolução*: lideranças populares na Insurreição Praieira, Recife, 1848-1849. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 209-238, jul. 2003.

⁴⁶ Cf. ALVES, Antônio. **História**: O Mundo – Idade Moderna / O Brasil: Colônia e Império. Recife: Liber, 1982.

nascidas no país. Os sucessivos sobrinhos que o narrador do romance apresenta já chegam ao Brasil com associações quase certas e ambições altas. Aconteceu com Jaime:

Todas essas qualidades e os subseqüentes resultados impressionaram e atuaram de tal forma no ânimo reto e justiceiro do velho vendilhão [o Comendador Antônio Braga], que, em atenção a tudo isto e mais ao laço de sangue que os unia, deu ele, alguns anos depois, sociedade ao sobrinho, figurando no contrato social, por parte deste, um capital de trinta contos de réis.

Tinha então Jaime vinte e três anos feitos e via meio realizados os seus sonhos de ambição. Mas não era tudo: aspirava a um resultado melhor. [...] Este fim, já todos adivinhavam, era o empolgamento total da fortuna do tio, a qual segundo os cálculos mais exatos, devia subir a uns quatrocentos contos de réis em prédios e em espécie.⁴⁷

E era o caminho que João Favais pretendia trilhar:

[...] o rapaz portara-se sempre de tal forma que o tio não só não se arrependera da confiança e do emprego que lhe dera, como até se vangloriava de possuir um parente tão sensato e trabalhador.

Não se lembrava de que as aparências muitas vezes iludem e de que, em idênticas circunstâncias, também ele soubera captar o ânimo do seu próprio tio unicamente com a gana de tornar-se mais tarde seu genro e seu herdeiro universal.⁴⁸

Esses jovens, nem sempre europeus, mas muitas vezes advindos de ilhas atlânticas pertencentes ao império ultramarino de Portugal, eram atraídos por uma rede de conterrâneos e parentes. O historiador Marcus Carvalho explica o fenômeno:

Nos jornais da década de 1840 não faltam anunciantes em busca de caixeiros, dando preferência a jovens entre doze e catorze anos recém-chegados ao Brasil. Era dura a vida desses adolescentes poucas as oportunidades de mobilidade social. Mas ao menos arrumavam trabalho e iam tocando suas vidas, para inveja de muitos brasileiros espremidos entre a escravidão e o inerte bolor do desemprego, já que as camadas superiores não os consideravam brancos e preferiam imigrantes europeus para qualquer serviço que não fosse próprio de escravos.⁴⁹

Portanto, o narrador de *A Emparedada* retrata uma ocorrência bastante comum na sociedade daquela época inserindo, como pode se imaginar pelo estilo, as observações irônicas que denunciam seus pensamentos: “os dois primos adoravam-se, e, o que não era menos, o seu dinheiro [do comendador Antônio Braga] não passava a estranhos. Os portugueses sempre tiveram grande apego à família”⁵⁰. Apego à família ou à fortuna da família?

Outra crítica que o narrador traz à tona em sua obra se referia diretamente às práticas da Igreja Católica. São violentas reflexões que o narrador expõe, principalmente por meio das

⁴⁷ VILELA, Carneiro. *A Emparedada da Rua Nova*. 3. ed. Recife: Coleção Recife, 1984. Prefácio de Lucilo Varejão Filho, p. 38-39.

⁴⁸ VILELA, Carneiro. *A Emparedada da Rua Nova*. 3. ed. Recife: Coleção Recife, 1984. Prefácio de Lucilo Varejão Filho, p. 47.

⁴⁹ CARVALHO, Marcus. Os nomes da *Revolução*: lideranças populares na Insurreição Praieira, Recife, 1848-1849. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 209-238, jul. 2003, p. 229.

⁵⁰ VILELA, Carneiro, op. cit., p.40.

personagens femininas. Elas são enredadas pela *Moral dos Colégios* e acometidas por uma espécie de ignorância instituída e institucionalizada. O narrador faz uma clara distinção e censura áspera ao modelo de educação das famílias que diferenciavam o investimento educacional pelo sexo dos filhos:

[...] para a futura mãe de família, para a verdadeira base da sociedade moderna, - estreitavam-se os horizontes intelectuais e morais, proibiam-lhe a liberdade de pensar e de sentir, entregavam-na aos corvos do fanatismo e da hipocrisia, asfixiavam-lhe o coração, envenenavam-lhe o espírito, em vez de procurarem formar uma esposa e uma mãe com todas as aptidões para procriar cidadãos e homens de espírito, preparavam uma beata inútil e estúpida, apta apenas para dissertar sobre as problemáticas virtudes do *rosário* ou para engrolar ladainhas depois de indigestos e perniciosos sermões jesuíticos!⁵¹

Neste teor, o narrador segue o enredo fazendo desfilar consequências silenciosas e perigosas desta pedagogia, satirizando-a em diversos momentos. É a noção de falsidade e hipocrisia reinante, é a revolta e rancor de Clotilde pelo mundo que lhe cerca, é a repressão moral de Josefina, é o fingimento e a autopenitência de Celeste Cavalcanti. Tamanha virulência por parte do narrador d'*A Emparedada* contra o clero provavelmente remonta seu envolvimento pessoal e ativo na chamada Questão Religiosa, na primeira metade da década de 1870. O acontecimento consistiu num acirramento de ânimos entre a Igreja Católica e o Império brasileiro. O papa Pio IX proibiu a ligação entre membros da Igreja com a maçonaria, mas Pedro II ignorou a bula fazendo com que ela não tivesse validade no Brasil, devido ao sistema de padroado – no qual as ordens papais só valeriam com o consentimento do imperador. No entanto, o bispo D. Macedo, de Belém, e D. Vital, de Recife e Olinda, determinaram a expulsão de maçons das irmandades. O imperador, por sua vez, ordenou a prisão dos dois bispos.⁵² A infatigável pena de Carneiro Vilella não descansou durante a querela e voltava-se contra os que apoiavam a ordem do papa, mesmo contra D. Vital, que havia estudado com o escritor Vilella nos tempos de colégio, portanto velhos conhecidos. O episódio é elencado pela historiografia brasileira como um dos fatores que contribuiu para a decadência do império no Brasil.

Por ser um romance de costumes, *A Emparedada da Rua Nova* contém fartas exposições para inúmeras análises de comportamentos sociais, políticos e culturais. São passíveis de ricas decomposições em diversas nuances questões como as ligações de indivíduos de diversas camadas sociais ou os traços de raças e mestiçagem dos personagens expostos e ainda as relações entre “burguesia” e “aristocracia” recifenses.

Como já comentado, a tentativa de “resumo” é tarefa difícil, porém, para este trabalho, é necessário o entendimento dos acontecimentos elencados no livro em razão da análise feita adiante. A obra é composta de duas partes – *O cadáver de Suaçuna* e *O segredo de família* - e um demorado epílogo – *As vítimas do amor* - e é escrita de forma não linear. O narrador suspende por diversas vezes o pensamento para voltar anos, meses ou dias e explicar acontecimentos que são precisos à compreensão do que ele continuará contando nas páginas seguintes. Há abstrações temporais e espaciais marcantes, alternam-se os palcos entre casas e ruas, atos em suspensão. Durante a trama os personagens transitam, são vistos num tempo em que eram mais novos, os encontramos no íntimo de seus pensamentos ou em salões áulicos.

⁵¹ VILELLA, Carneiro. *A Emparedada da Rua Nova*. 3. ed. Recife: Coleção Recife, 1984. Prefácio de Lucilo Varejão Filho, p. 43.

⁵² Cf. ALVES, Antônio. *História: O Mundo – Idade Contemporânea / O Brasil: República até hoje*. Recife: Liber, 1982.

São figuras que entram e saem, vivas – mesmo quem já apareceu morto, em estado de decomposição na primeira página - dispostas a darem sua chancela complicadora ao enredo. Seguindo a linha de raciocínio desenvolvida por Marlyse Meyer e adotada aqui, reconhece-se o talento folhetinesco do autor *d'A Emparedada* no corte, na arte de fazer-se fortemente atrativo. Numa reflexão em que põe em balanço a produção de folhetins nacionais, Meyer cita com entusiasmo – embora muito brevemente – o escritor pernambucano. Vale a leitura nas palavras da pesquisadora:

Mas, se considerarmos o folhetim nacional explicitamente imitador do modelão europeu, sem rebuços nem paródia, com talvez idênticas ambições de vendagem, mais provavelmente como única forma de expressão de candidatos a romancistas, pode-se dizer com que aquele articulista citado por Brito Broca, que escreve em 7 de abril de 1980 em *Cidade do Rio*: “Os esqueletos e as caveiras do paço têm fornecido assunto a nada menos de três romances que, valha a verdade, bem poderiam ficar guardados no fundo do tinteiro; a julgar por eles os Dumas, os Ponsons e os Montépin brasileiros ainda estão por nascer”

Mas nasceu um autor, salvou-se um esqueleto: a exceção honrosíssima fica por conta de um escritor e jornalista pernambucano, Carneiro Vilela, autor de excelente romance-folhetim, de tema regionalista⁵³ e escrita folhetinesco-policial. Grande, grosso e cativante livro como sói ao gênero: *A emparedada da rua Nova*.

[...]

Mas, ressalva feita a *A emparedada*, pode-se, de maneira geral, incluir os romances-folhetins nacionais na mesma categoria que aquele ficcional *A maravilha*, de Ernesto Souza, encontrado em um brechó por uma personagem nativa de uma das cidades mortas do vale do Paraíba evocadas por Monteiro Lobato: “romances descabelados, onde há lágrimas grandes como punhos, punhais vindicativos e virtudes premiadísimas, de par com vícios arquicastigados pela intervenção final e apoteótica do Dedo de Deus [...]”⁵⁴.

A professora também chama atenção para outras obras de Carneiro Vilella, pouco pesquisadas e até mesmo pouco conhecidas. O estilo do escritor n’*A Emparedada* aponta a riqueza manifesta no seu folhetim. Como bem associou Lucilo Varejão Filho ao citar Marcos Santarrita, Carneiro Vilella deixa “uma pista aqui para pegá-la 100 páginas adiante, amarrando tudo, não deixando nada ao acaso”⁵⁵. É livro para ser lido de uma tragada e com o cuidado de quem vê no detalhe a importância do insubstituível.

⁵³ O termo *regionalista* citado por Marlyse Meyer merece discussão à parte, pois evidencia uma característica que não condiz com o enredo d’*A Emparedada da Rua Nova*.

⁵⁴ MEYER, Marlyse. **Folhetim**: uma história. São Paulo: Companhia da Letras, 1996, p. 309-310.

⁵⁵ VAREJÃO FILHO, Lucilo. Breve Notícia. In: VILELLA, Carneiro. **A Emparedada da Rua Nova**. 3. ed. Recife: Coleção Recife, 1984. Prefácio de Lucilo Varejão Filho, p. 9.

Referências bibliográficas

ALVES, Antônio. **História: O Mundo – Idade Contemporânea / O Brasil: República até hoje.** Recife: Liber, 1982.

ALVES, Antônio. **História: O Mundo – Idade Moderna / O Brasil: Colônia e Império.** Recife: Liber, 1982.

BEVILAQUA, C. **História da Faculdade de Direito do Recife.** 2. ed. Brasília: INL, 1977.
CARVALHO, Marcus. Os nomes da *Revolução*: lideranças populares na Insurreição Praieira, Recife, 1848-1849. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 209-238, jul. 2003.

GONSALVES DE MELLO, J. A. Prefácio. In: COSTA, Francisco Augusto Pereira da. **Anais pernambucanos.** Recife: FUNDARPE, 1984

LIMA, Fátima Batista Maria de. **Um olhar sobre a cidade n’A Emparedada da Rua Nova de Carneiro Vilella.** Recife: UFPE, 2005. 122 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

MELO, Mário. Prefácio. In: VILELLA, Carneiro. **A Emparedada da Rua Nova.** 2. ed. Recife: Edições Mozart, 1936.

MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma história.** São Paulo: Companhia da Letras, 1996,
NASCIMENTO, Luiz do. **História da Imprensa de Pernambuco (1821-1954):** Diários do Recife – 1829/1900. Vol. II. Recife: Imprensa Universitária da Universidade Federal de Pernambuco, 1966.

NASCIMENTO, Márcio Luiz do. **Primeira Geração Romântica versus Escola do Recife: trajetórias de intelectuais da Corte e dos intelectuais periféricos da Escola do Recife.** São Paulo: USP, 2010. 256 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Departamento de Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

PARAÍSO, Rostand. As tragédias da Rua Nova (1). **Jornal do Commercio**, Recife, 23 dez. 2001. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/JC/2001/2312/art2312b.htm>> Acesso em: 26 jul. 2011.

PAIM, Antônio. **A Escola do Recife: Estudos Complementares à História das Idéias Filosóficas no Brasil.** Vol. V. 3. ed. Londrina: Editora UEL.

PESSOA, Ângelo Emílio da Silva. Sociologia da hipocrisia ou breves considerações sobre um centenário romance recifense: *A Emparedada da Rua Nova*. **Saeculum**, João Pessoa, n. 20, p. 34-48, jan/jun. 2009.

SILVA, Leonardo Dantas. **A abolição em Pernambuco.** Recife: Fundaj, Editora Massangana, 1988,

VAREJÃO FILHO, Lucilo. Breve Notícia. In: VILELA, Carneiro. **A Emparedada da Rua Nova**. 3. ed. Recife: Coleção Recife, 1984. Prefácio de Lucilo Varejão Filho.

VILELA, Carneiro. **A Emparedada da Rua Nova**. 3. ed. Recife: Coleção Recife, 1984. Prefácio de Lucilo Varejão Filho.

VILELLA, Carmélio dos Santos. **Carneiro Vilella**: nascimento, vida e morte. Recife: Ed. Do Autor, 2005, p. 117.